

A insustentável leveza de zdenek

Arnaldo Siqueira

*“Eu tenho a impressão de que,
se ele tivesse uma mulher bonita,
um cigarrinho, a cachacinha e,
acima de tudo, um lugar pra dançar,
pra fazer as coisas,
ele tava legal.
Eu acho que não tinha muita explicação,
acho que a vida dele era isso”.*
Zé Lavigne

Em janeiro de 2006 Zdenek Hampl foi ovacionado em Recife por longos minutos ao final de uma apresentação de *Olhos de Touro*, da coreógrafa Márcia Duarte, de Brasília, que agradeceu a presença de seu antigo professor e dedicou-lhe a apresentação da noite. Como seu nome já havia sido sugerido para a homenagem do *Festival Internacional de Dança do Recife*, tal manifestação de reconhecimento, carinho e apreço muito contribuiu para confirmá-lo.

Em sua fala durante a noite de abertura do evento, no Teatro Santa Isabel lotado com a presença de várias gerações de artistas da dança e de outros segmentos das artes, assim como de patrocinadores, do prefeito e do secretário de cultura da cidade, Zdenek não surpreendeu aos que o conheciam, dando uma pequena amostra de como, espiritualmente, misturava o ordinário e o extraordinário da vida (aliás, como fazia nas suas criações). Declarou ele:

Preciso dizer algumas coisas:

Primeiro: que esta cidade e este país me acolheram com bastante carinho... Isso, eu não posso negar! Cheguei aqui e fui muito bem-aceito em todos os lugares.

Segundo: as mulheres deste lugar são maravilhosas!

Esse era Zdenek! E tal depoimento fez com que, naquela noite, diferentes gerações e tribos da dança e das artes conhecessem ou reencontrassem o velho Zdenek e, surpreendentemente, em plena forma: transparente na exposição de suas impressões, pícaro, elegante e sinceramente malicioso, levando todos a um estado de descontração semelhante àquele de seus processos artísticos.

Outro aspecto que pode ser destacado da declaração dele, claro, são as mulheres. A presença delas na vida de Zdenek tem uma dimensão especial. Parte significativa de sua vida pode ser lembrada através delas. Zdenek casou-se seis vezes,

todas elas com artistas: Silvia Hamplová, Vera Raiser, Eliana Sá Barretto, Mônica Sá Rêgo (ex-Brant), Bia Pontes e Márcia Rocha. Além disso, sua decisão de estudar dança também foi marcada pela existência feminina, como atesta este depoimento de Mônica Sá Rêgo, sua quarta mulher:

Na verdade, Zdenek começou a dançar porque sua irmã fazia aula de dança e ele se apaixonou pela professora dela. Daí resolveu dançar para poder ficar perto da professora. Como sempre, as mulheres! Porque as mulheres são a tônica. Então, ele começou a dançar por uma paixão.¹

NO BRASIL ELE BRINCOU À VERA...

Foi no ano de 1969, em passagem pelo Brasil, durante uma turnê de seis meses pela América do Sul da companhia tcheca Lanterna Mágica de Praga, que Zdenek, na época um jovem de 23 anos, conheceu duas conterrâneas já estabelecidas no País: Vera Kumpera e sua filha, também chamada Vera (Raiser). Os caminhos deles se cruzaram em São Paulo, em uma das apresentações da Lanterna Mágica de Praga. Por vezes, a companhia havia viajado pela Europa e pelos Estados Unidos e, em 1969, era a primeira vez que o público brasileiro e o argentino tinham a oportunidade de conferir o trabalho do grupo tcheco nas cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Porto Alegre, de Buenos Aires e de Mar del Plata. Tão logo conheceu Vera Raiser, a jovem filha de Vera Kumpera, Zdenek começou a namorá-la, e ela, por sua vez, o acompanhou à Argentina, onde a turnê teve sequência por quase três meses.

A opção de Zdenek pelo Brasil foi feita durante a viagem; no entanto, a decisão de ficar no continente parece ter sido bem anterior, como ele mesmo relata em carta ao amigo Luiz Mendonça²:

Ah! ah! ah! Aí foi anunciada a turnê da Lanterna Mágica pela América do Sul. Nessa altura, já me era claro que não poderia voltar a 1968 — tanques russos pelas ruas, enfim, garantia de um retrocesso político de 10 a 15 anos no mínimo, e eu com todo aquele impulso que a faculdade me deu?! Então, depois de cumprir todas as minhas obrigações com a Lanterna Mágica [...], na volta, dei tchau aos meus companheiros, desci do avião e não voltei mais” (MENDONÇA, 2006:10).

¹ Entrevista com Mônica Sá Rêgo realizada no Rio de Janeiro, em 19 de abril de 2007. Esta e todas as demais entrevistas estão especificadas nas referências bibliográficas. Portanto, doravante, as citações decorrentes de entrevista não serão apontadas no corpo do texto nem comporão notas de rodapé.

² Coreógrafo e professor da Universidade Federal Fluminense – UFF, Luiz Mendonça foi aluno e amigo de Zdenek nos anos 1970, no Rio de Janeiro, atribuindo ao *mestre* (como ele se refere em sua dissertação de mestrado) um aprendizado que, posteriormente, em Brasília, contribuiria na exitosa produção artística do Endança e, por extensão, na formação de artistas como Márcia Duarte e Cristina Moura, ambas ex-integrantes do grupo.

A filha dele, a também Vera (HAMPL), nasceu em 16 de julho de 1972, no Rio de Janeiro, cidade na qual ele e Vera Raiser passaram a viver ao longo da década de setenta. Antes, porém, durante uns dois anos, ele havia morado em São Paulo, onde, junto com sua mulher, trabalhou na escola de Vera Kumpera e teve participação no grupo de Maria Duschenes.

FORMAÇÃO-DEFORMAÇÃO-TRANSFORMAÇÃO

Sua formação artística lhe oportunizou trabalho sem muita dificuldade, embora fosse um traço marcante a sua modéstia quanto a esse assunto. “Hoje em dia, ele não está declarando isso, mas a escola que ele fez em Praga é primorosa...”, enfatizou Kumpera. A Luiz Mendonça, o próprio Zdenek viria a declarar:

Tive um ensino cinco-estrelas, e mais: sem pagar um centavo sequer. Os problemas começaram já aí na faculdade. Escapava de qualquer tentativa de me aliciarem para o Partido Comunista, alegando total ignorância e desinteresse por política, lógico. Eu já li Marx, Engels, Lênin de A a Z e seus ‘opositores’ — filósofos também (MENDONÇA, 2006: 9).

O conhecimento total, não é?! Foi a primeira vez que eu o vi. O cara dançava, mas ele não era só ‘O’ bailarino. Ele sabia afinar o piano, ele tocava piano, ele consertava o gravador, ele operava o som, ele conhecia todo o universo da arte na qual tinha sido formado. E como aqui a gente não tinha uma escola assim, que ensine isso, o Zdenek serviu pra mim — e acho que para todas aquelas pessoas que passaram por ele, que tiveram uma convivência maior com ele — como um exemplo de como você pode ser uma pessoa tranquila, desde que tenha o conhecimento geral daquilo que você está fazendo”, destaca Zé Lavigne, diretor da Rede Globo e um dos muitos artistas da década de 1970 que se formaram com Zdenek no Rio de Janeiro.

A despeito de sua formação de alto nível, assim que Zdenek começou a trabalhar no Brasil, a veia artística passou a pulsar mais fortemente, contaminando suas aulas. Era a pedagogia do criador que se sobrepunha à didática tradicional das aulas de técnicas de dança.

Na verdade, o Zdenek não conseguia ficar sem criar; então, mal começava um curso, e ele já descobria um assunto pertinente e lá estava ele montando alguma coisa. Para quem estivesse interessado em aprender mais uns passos novos de dança, era uma frustração; por outro lado, para quem estava buscando algo verdadeiro, mais profundo, era um deleite usufruir do talento daquele gênio.

Declara Robson Duarte, que foi seu aluno na Universidade Católica, tendo ainda trabalhado e morado com ele no Recife. Também no Recife, Carlos Carvalho pôde fazer a mesma constatação: “Quando demos um curso de teatro — ele corpo, e eu interpretação, diga-se de passagem —, foi um fracasso, frustrante. Ele querendo que os alunos se divertissem e

descobrissem o que é dançar. Os alunos queriam a técnica do coreógrafo do *Fantástico*, do bailarino tcheco.

Uma vez que Zdenek, como professor e criador, optou por não ser tecnicista, verifica-se que as reações contrárias ao seu trabalho respondiam a diversos fatores. Um deles era que, por ter sido um artista à frente de seu tempo, é compreensível que seus processos e resultados estivessem em um campo de construção e apreciação estranhável, tanto para o público espectador como para os demais oficientes das artes. Outro era que, para a maioria dessas pessoas (espectadores e artistas), esse estranhamento era resultante de preceitos bem arraigados de distinção entre o trabalho artístico e o científico, ou seja, que um está no campo da ludicidade; e o outro, da cientificidade. Em outras palavras, um é brincadeira, *hobby*; o outro, seriedade, rigor.

Sabe-se que tal valor assintomático tem efeito perverso não só quando dificulta a presença do lúdico na ciência, mas principalmente quando legitima a ideia de que a arte está no campo do supérfluo e, assim, valida o entendimento de que seriedade e rigor são incompatíveis com as artes, principalmente as do corpo.

Assim, o trabalho de Zdenek, pelas suas peculiaridades, pagou o preço de ter sido inovador, pois, como atesta Carlos Carvalho, reunia esses e outros componentes em sua atividade de ensino/criação “sem nada de psicoqualquercoisa. Tudo com muita alegria e foco. Porque Zdenek trabalhava buscando alcançar objetivos práticos, em função de uma ideia. [O trabalho era] alegria e rigor”.

Zdenek era um artista. E Vera Kumpere demonstrou ter uma clara compreensão da escala de valores e necessidades do seu gênero. “Ele não precisava comer, não precisava ter duas camisas, mas precisava criar. Ele teve desejo de, no máximo, um livro, uma coisa assim.” Sentenciou ela.

Zé Lavigne lembra que as opções que Zdenek fazia nas suas atividades profissionais obedeciam a escalas de valores de outra ordem e por vezes conflitantes com os compromissos vinculados ao ordinário da vida cotidiana:

A presença do trabalho dele estava em todos os lugares... porque ele estava em vários lugares; ele ensaiava quatro, cinco coisas com pessoas diferentes. A gente tinha combinado de pagar a ele algo por mês pra ele ir uma vez por semana. Na primeira semana, ele foi uma vez; na segunda, ele foi duas, depois ele estava lá todo dia! Direto. Ele gostou e ficava direto. Eu me lembro que a Eliana [a terceira mulher] falava assim: ‘Zdenek, você tem que dar aula não sei onde’. ‘Ah! Peraí, Eliana, então vai lá, dá aula por mim e volta pra me buscar...’ Elas enlouqueciam, sim... porque ficavam apaixonadas, e ele sempre muito romântico, beijinho, e sempre muito cavalheiro...”

Zdenek foi um *outsider* com algumas convicções até hoje pouco compreensíveis. E suas opções tanto na vida como na arte parecem ter tido algo de estratégia e astúcia. Na opinião de sua filha, Vera Hampl, ele “vivía em outro mundo, um mundo dele. Por isso era muitas vezes incompreendido. Imagino que os problemas do cotidiano para papai não tinham fundamento, a cabeça dele borbulhava, fervia de ideias”.

Ele era um estrangeiro. Não no Brasil — pois aqui, como disse sua sogra Vera Kumpera, ele foi mais brasileiro que muitos nativos. Ele era gringo na vida, estrangeiro no mundo, um deslocado cuja opção pela leveza também se revelou insustentavelmente pesada, embora ele tivesse ido longe fazendo frente ao peso do existir. Tal como no romance de seu conterrâneo Milan Kundera, para ele o peso da vida não parecia estar somente na variedade de formas de opressão, senão na intrincada rede de constrições públicas e privadas que aprisiona cada existência em suas fechadas malhas — uma condição humana comum a todos nós.

Para driblar tal condenação, uma possível estratégia, como indica Italo Calvino, talvez seja lançar mão da vivacidade e da mobilidade da inteligência, opções que são de uma dimensão que não é mais a da existência.

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...

Parece ter sido isso que Zdenek fez com a dança, com a arte... com a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HAMPL, Zdenek. *Constante Movimento*. Olinda: Associação Reviva, 2008.

MENDONÇA, Luiz Carlos. *Processo Criativo em Dança Contemporânea*, dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências das Artes, UFF – RJ, 2006.

NAVAS, Cássia & DIAS, Linneu. *Dança moderna*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

SIQUEIRA, Arnaldo. *Perfis de um Artista Inovador*. Recife. 2009.

Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1977.
http://www.wikipedia.org/wiki/Primavera_de_Praga

Entrevistas

Tutto Gomes, Recife, 13 de abril de 2007.

Mônica Sá Rêgo, Rio de Janeiro, 19 de abril de 2007.

Sura Berditchevsky, Rio de Janeiro, 20 de abril de 2007.

Vera Kumpera, Rio de Janeiro, 20 de abril de 2007.

Zé Lavigne, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2007.

Jana Eriksson, ex- Tomanova, Praga, janeiro de 2009.